REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

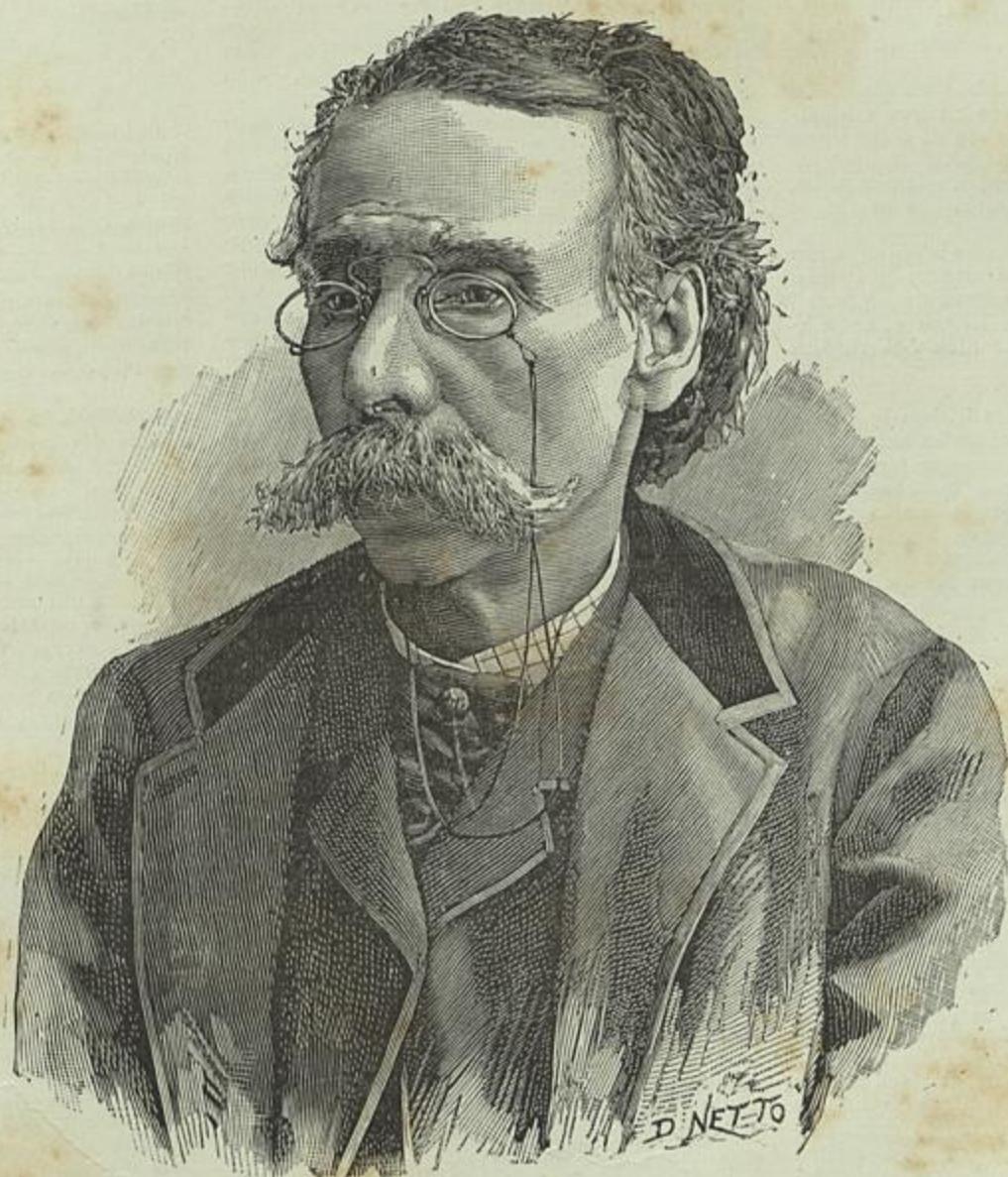
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 319

1 DE NOVEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO, CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

A inauguração do *Sud-express*, o comboyo rapido entre Paris e Lisboa, estabelecido agora pela companhia dos *Sleeping-car*, trouxe a Lisboa um grupo de jornalistas francezes, hespanhoes, belgas e inglezes, alguns dos quaes já tinham visitado o nosso paiz, e outros que pela primeira vez vinham á nossa formosa cidade.

Só muito tarde se soube em Lisboa da vinda d'essas visitas illustres, e por isso os jornalistas lisbonenses não tiveram tempo de preparar aos seus confrades estrangeiros a recepção festiva que era nosso dever fazer-lhes. Ainda assim, individualmente, cada qual se desempenhou como poude da missão de fazer as honras da casa a esses distinctos visitantes, missão de que a pessoa que escreve estas linhas não se poude encarregar, como era desejo e dever seu, por estar preso em casa por uma doença impertinente.

As companhias de *Sleeping-car* e dos caminhos de ferro do norte e leste receberam briosamente em Lisboa os illustres estrangeiros, e organisaram em sua honra tres festas brilhantes — um almoço a bordo, um jantar no salão da Trindade e uma excursão a Cintra.

Todas estas festas correram muito animadas e alegres, nos banquetes trocaram-se brindes affectuosos e eloquentes, sendo o mais notavel d'entre elles, o brinde feito por Pinheiro Chagas aos jornalistas estrangeiros no almoço em Cintra, brinde que foi applaudidissimo, e que provou mais uma vez o excepcional talento do grande orador e escriptor portuguez.

O *Sud-express* chegou a Lisboa no dia 23 de outubro; no dia 24 foi o almoço a bordo e o jantar no salão da Trindade; no dia 25 o passeio a Cintra, e na noite d'esse dia os jornalistas estrangeiros sahiram de Lisboa para Cadiz e Sevilha, seguindo depois para Paris, onde devem chegar no dia 3 do corrente.

A inauguração d'estes expressos representa um grande progresso para nós: a viagem de Paris é feita n'estes comboyos em menos de 48 horas, com toda a commodidade, e Lisboa acha-se finalmente incluida na grande rêde das viagens rapidas de Paris.

Esteve ha dias de visita em Lisboa o grande escriptor portuguez Camillo Castello Branco.

Ha muitos annos que o eminente romancista não vinha á nossa capital e a sua chegada foi saudada enthusiasticamente por toda a imprensa, com as demonstrações de sympathia e de respeito a que tem direito o extraordinario escriptor, que tão proeminente logar occupa nas lettras portuguezas.

Camillo Castello Branco veio a Lisboa consultar medicos especialistas de doenças d'olhos, por causa da enfermidade que o afflige, e demorou-se muito pouco tempo entre nós, partindo inesperadamente para o Porto.

Esta subita partida fez gorar a manifestação que os homens de lettras lhe preparavam, n'um jantar que planeavam offerecer-lhe.

Parece que a camara municipal de Lisboa, acceitando o alvitre apresentado por alguns jornaes de Lisboa, vae dar o nome de Camillo Castello Branco a uma das principaes ruas da cidade.

A familia Real regressou finalmente da sua digressão ao norte, que foi, pelas festas que sempre a acompanharam, uma verdadeira viagem triumphal.

Sua Alteza a Princeza D. Amelia e o Principe da Beira, chegaram a Lisboa no dia 28; Suas Magestades El-Rei e a Rainha chegaram no dia 29, porque se demoraram um dia visitando Aveiro onde se lhe fizeram festejos extraordinarios, que não foram com certeza dos menos brilhantes e pittorescos, que solemnisaram a viagem de Suas Magestades pelas provincias.

Na vespera do dia em que esta chronica sae á luz, Sua Magestade El-Rei deve inaugurar com grande pompa as obras do Porto de Lisboa, essas obras importantissimas de ha tanto tempo reclamadas e que vão finalmente ser uma realidade.

Na proxima chronica daremos noticia circumstanciada d'essa festa.

O theatro da Trindade, depois do brilhante exito da *Nitouche* acaba de ter outro grande *successo* com a sua operetta nova o *Amor Molhado*.

O *Amor Molhado* cujo *libretto* é traduzido por Eduardo Garrido, teve um immenso agrado, e a musica de Varney, que é deliciosa, ficou logo no ouvido do publico e decidiu do grande exito da peça.

O desempenho da operetta na Trindade é magnifico, sobresahindo Florinda e Anna Pereira.

Todas as noutes que se tem dado o *Amor Molhado*, o theatro tem enchentes completas, e as ovações ruidosas da primeira noite são plenamente confirmadas.

No dia 28 inaugurou-se em S. Carlos a epocha lyrica com os debutes do tenor Andrade, barytono Tersi, baixo Meroles, prima-donna Cataneo e meio contralto Prandi. A opera de abertura foi o *Fausto*, por ter adoecido a sr.ª Figuet, não podendo portanto dar-se a *Aida* como planeavam.

O theatro de S. Carlos que é sempre o grande attractivo de Lisboa durante o inverno, desperta este anno muito a curiosidade, por ter na sua companhia não só artistas de fama notavel como a Theodorini, a Emma Nevada e o tenor Talazac, mas tambem e principalmente, por apresentar dois cantores portuguezes, dois cantores de quem a fama nos falla ha muito tempo, e que Lisboa, que os conhece muito bem, onde elles nasceram, cresceram e se educaram, nunca teve occasião de ouvir — os irmãos Andrades.

Portugal nunca teve a especialidade de fornecer cantores ao mundo lyrico e nem mesmo para o seu uso particular os tem; a prova é as difficuldades com que luctam os raros theatros de operetta, que ha na nossa terra, para formar companhias muito modestas, e em que ainda assim avultam quasi sempre artistas estrangeiros que fallam *tant bien que mal* a nossa lingua, como as sr.ªs Mansoni, Dorinda Rodrigues, Salud Othon e Fantony.

Ora de repente esta terra tão esteril em cantores produzir dois artistas lyricos de primeira ordem, um tenor — a *rara avis* — e um barytono, e esses dois artistas fazerem carreira, e carreira brilhante, e occuparem no mundo theatral logares proeminentes, é realmente um caso extraordinario, chega a ser um acontecimento nacional.

Comprehende-se portanto a anciedade com que se esperava a abertura da epocha lyrica e a curiosidade enorme que todo o publico de Lisboa, que conhece os dois irmãos Andrades, desde pequenos, que os viu crescer entre nós, tinha de ouvir esses dois rapazes que elle tratára por tu, transformados em celebridades lyricas de primeira ordem.

E ao mesmo tempo que havia essa grande curiosidade, havia tambem um certo receio e uma certa desconfiança; desconfiança porque no fim de tudo custa-nos sempre a acreditar nas maravilhas d'aquelle que conhecemos — uma desconfiança tão humana que foi ella que creou este apherismo da sabedoria das nações — os santos de casa não fazem milagres: receio porque os nossos brios nacionaes estavam ligados ao exito d'esses dois artistas nossos patricios, porque a nossa amizade estava tambem interessada no resultado d'essa primeira batalha.

Na peça d'inauguração de S. Carlos, no *Fausto* debutava um dos irmãos Andrades, — o tenor — e d'ahi um interesse muito maior ainda que o de costume por essa primeira noite lyrica.

A estreia de Antonio de Andrade foi um *successo* brilhante, um verdadeiro *successo* sem favor, em que não entrou para nada a amisade, o patriotismo, que demais a mais nunca costuma entre nós misturar-se a estas coisas artisticas, ser um elemento de successo, e até pelo contrario, dado o feitio portuguez, costuma ser mais um escolho a vencer.

Antonio d'Andrade é um excellente artista. A sua voz de tenor não é muito volumosa, mas é de bello timbre, muito agradavel, muito afinada, e tendo umas notas agudas lindissimas, cheias, arredondadas, vibrantes.

E depois Antonio de Andrade sabe usar muito bem d'ella, tem estudado deveras, e tem aproveitado enormemente d'esse estudo, guiado pela sua intelligencia brilhante, pela sua poderosa boa vontade.

Canta bem e representa excellentemente, o que a raros tenores acontece. Tem uma comprehensão nitida dos seus personagens, cria individualidades e mantêm-se sempre n'ellas. A sua maneira de phrasear é muito correcta e muito intelligente: diz o canto com alta intuição artistica e basta a maneira como elle disse a primeira phrase a Margarida na Kermesse, e a romanza do 3.º acto, para se conhecer que é um artista de primeira ordem.

O publico contente por vêr um artista tão completo, radiante por poder victoriar com plena justiça um seu compatriota, fez a Antonio de Andrade uma ruidosa ovação, ovação que encheu de jubilo o artista illustre que a recebia, e ao mesmo tempo o publico que lh'a fazia enthusiasmado.

No *Fausto*, todos os papeis foram desempenhados por artistas novos para Lisboa.

Todos elles agradaram muito, á excepção da prima dona Amelia Cataneo, de quem tinhamos ouvido dizer maravilhas, maravilhas que no papel de Margarida esteve muito longe de realisar.

O personagem de Margarida tem entre nós grandes tradições, mas não é só ao lado d'ellas que empallidece o desempenho que lhe deu a sr.ª Cataneo: não é preciso invocar a recordação gloriosa da Fidés Devriés, a Margarida ideal, para não nos enthusiasmarmos com a Margarida de hoje: basta o confronto com a sr.ª Bendazzi, logo na apresentação de Gretchen na kermesse, para a sr.ª Cataneo nos deixar muito a desejar.

Entretanto, affirmam-nos, com tanta insistencia, que esta artista é uma cantora realmente distincta, que esperamos pelo grande reportorio dramatico para d'ella ajuizarmos com mais elementos criticos, fazendo votos para que, de todo, a Aida ou a Selika ou a Leonor, nos faça apagar completamente a impressão pouco agradavel, que nos deixou a Margarida.

O sr. Terzi é um barytono muito rasoavel, e que nos parece destinado a brilhante futuro: disse phrases explendidamente, a sua voz é muito agradavel, e agradou-nos francamente; como tambem o sr. Merolles, que não nos maravilhando no *Mephistopheles*, nos agradou tambem muito, e nos parece ser um excellente artista.

A sr.ª Prandi — o Siebel — é uma artistá muito gentil, que no seu elegante *traversti* agrada muito aos olhos, sem desagradar ao ouvido.

A primeira noite de S. Carlos foi por tanto uma noite de bom agouro para a epocha que inaugurava: agora faltam debutar os tenores Talazac e Vergnet, o barytono Francisco d'Andrade, cuja reputação está já feita pelos primeiros theatros da Europa, o baixo Roveri, primas donas Oliva, Figuet — o meio soprano da Opera de Paris — Emma Nevada, uma celebridade gloriosa do mundo lyrico moderno, e Helena Theodorini, a grande e talentosa artista que todos nós já conhecemos e victoriámos.

Revemos as provas d'esta folha exactamente na occasião que chegamos de S. Carlos de assistir á estreia da sr.ª Emma Nevada na *Somnambula*, e não queremos deixar de registar hoje mesmo o collossal *successo* que ella alcançou no *rondó*, que cantou d'uma maneira perfeitamente excepcional. É uma grande artista a valer, e a sua voz, d'uma rara belleza, tem uma suavidade extranha nas notas agudas, uma suavidade, uma doçura e uma finura, que constituem uma verdadeira excepção no mundo lyrico.

Na proxima chronica fallaremos mais detidamente d'esta extraordinaria *virtuose* que nos é dado este anno ouvir em S. Carlos.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

IV

O dia 30 de setembro fôra destinado á inauguração dos melhoramentos da barra de Villa do Conde, e apesar do tempo se apresentar de um aspecto pouco tranquillisador pelos aguaceiros que cahiam a curtos intervallos, a solemnidade não deixou de realisar-se.

Antes d'isso, porém, pelas 11 horas da manhã, Sua Magestade a rainha acompanhada do infante D. Affonso fez uma nova visita ao Museu Industrial e Commercial, continuando a apreciar as amostras de diversas industrias alli expostas e especialmente as de origem nacional.

Ao meio dia era recebido no paço por el-rei o erudito conservador do mesmo museu o sr. Joaquim de Vasconcellos, que ia entregar a Sua Magestade exemplares de alguns cancioneiros portuguezes, publicados e offerecidos pelo notavel editor allemão Max Niemeyer, de Halle, recentemente agraciado pelo governo portuguez.

El-rei conversou largamente com o sr. Joaquim de Vasconcellos não só a respeito dos antigos

cancioneiros, mas tambem sobre a poesia e musica popular.

Cerca da 1 hora e meia da tarde toda a familia real, acompanhada das pessoas da sua comitiva e dos srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas, partiam para Villa do Conde, pelo caminho de ferro da Povoa.

Na estação da Boavista aguardavam Suas Magestades e Altezas, além da administração e empregados superiores d'aquella linha ferrea, grande numero de pessoas, bem como um grupo de senhoras que offereceu formosos bouquets á rainha e á princeza D. Amelia.

No comboio tomaram tambem logar algumas auctoridades civis e militares do Porto, membros da imprensa e outros cavalheiros.

O comboio apenas parou em Pedras Rubras, cuja estação se via ornamentada e repleta de povo que acclamou com enthusiasmo os reaes viajantes. Foram lançadas girandolas de foguetes, e uma phylarmonica executou o hymno nacional.

A familia real, apeando se, dirigiu-se sob uma chuva de flores lançadas por galantes aldeãs, para uma das salas da gare, onde o presidente da camara da Maia leu uma allocução congratulatoria, a que el-rei respondeu, agradecendo.

Pouco depois, uma graciosa filhinha do administrador do concelho, recitou com toda a vivacidade, uma poesia exalçando as virtudes de Sua Magestade a rainha, sendo em seguida entregues pela esposa d'aquelle cavalheiro bellos bouquets a todos os membros da familia real.

A partida effectuou-se no meio de estrondosas acclamações, repetindo-se os signaes de regosijo no resto do precurso até Villa do Conde, onde o comboio chegou pouco depois das 3 horas. Ao atroar dos foguetes, aos repiques dos sinos nas egrejas e aos sons das phylarmonicas, reunia-se o clamor dos vivas de centenares de pessoas que estacionavam na gare. Tambem alli estavam as auctoridades e pessoas mais gradas da localidade.

A villa apresentava o mais risonho aspecto de festa. As ruas estavam juncadas de plantas odoriferas, erguendo-se em alguns sitios vistosos arcos triumphaes e obeliscos, e das janellas, apinhadas de senhoras, pendiam vistosas colgaduras de damasco.

O cortejo dirigiu-se por entre alas compactas de povo para a egreja matriz, onde a familia real foi recebida debaixo do pallio, ás varas do qual seguravam os vereadores da camara municipal e o administrador do concelho, pelo reverendo prior e cerca de vinte ecclesiasticos.

Depois de uma curta oração, Suas Magestades e Altezas seguiram para a barra, sendo durante o transito fervorosamente victoriadas e cobertas de flores. Os illustres personagens entraram na antiga capella da Senhora da Guia, onde foram offerecidos aos monarchas os diplomas de juizes perpetuos da respectiva confraria, assignando tambem todas as pessoas reaes os seus nomes no livro dos visitantes.

Por essa occasião o parocho de Villa do Conde, o eloquente orador sagrado dr. José dos Santos Monteiro, foi accommettido por uma syncope, sendo logo soccorrido pelo medico da real camara o sr. dr. Ravara. Infelizmente os soffrimentos do talentoso sacerdote aggravaram-se de modo, que poucos dias depois, descia á sepultura, no meio da mais sincera dôr de toda a população.

A familia real ao sahir do pequeno templo dirigiu-se debaixo de uma chuva torrencial, para o pavilhão que fôra erguido para a ceremonia da inauguração dos melhoramentos da barra.

Ás 3 horas e 45 minutos, el-rei carregou no botão a que estava ligado um fio electrico, produzindo-se a explosão de um tiro que fez voar a grande altura os fragmentos de um rochedo da barra.

Procedeu-se depois á assignatura do auto, seguindo-se o lunch offerecido á familia real pelo abastado capitalista o sr. Mello, no seu elegante palacete. O lunch foi de 30 talheres, tomando logar á mesa a familia do dono da casa. A filha do sr. Monteiro, ao retirarem-se Suas Magestades e Altezas brindou-as com oppulentos bouquets de flores naturaes.

A partida de Villa do Conde verificou-se ás 7 horas da tarde, sendo os regios excursionistas acompanhados até á estação por grande numero de pessoas, que constantemente os acclamavam.

O comboio não parou em parte alguma, mas não obstante isso, algumas estações e com especialidade a de Pedras Rubras, ostentavam vistosas illuminações.

Ao chegarem á Boavista, Suas Magestades e Altezas eram aguardados pelos trabalhadores do caminho de ferro da Povoa, que em enthusiastica marcha *aux flambeaux* os acompanharam até ao paço da Torre da Marca.

Além das 40 libras entregues por el-rei para os pobres de Mirandella, Sua Magestade enviou tambem 300$000 réis ao sr. governador civil de Villa Real para serem distribuidos pelos pobres das povoações d'aquelle districto.

No dia 1 de outubro, pelas 10 horas da manhã, el-rei acompanhado pelo sr. presidente do conselho, governador civil e outras pessoas, visitou o hospital de alienados do Conde de Ferreira, onde foi recebido pelo director d'aquelle magnifico estabelecimento, o sr. dr. Senna e medico ajudante o sr. Julio de Mattos.

Sua Magestade percorreu todas as enfermarias e mais repartições do hospital, encarecendo com palavras de merecido louvor o aceio e boa ordem que se notavam em todo o edificio.

Como era natural, durante a visita de el-rei, deram-se alguns episodios engraçados. Assim, ao entrar Sua Magestade em uma das enfermarias de alienadas, estas irromperam em estridentes vivas. N'outra enfermaria do sexo masculino, um doudo que tem a monomania das grandezas, disse a Sua Magestade que elle é que era o rei e não o senhor D. Luiz. Outro alienado pediu para sahir com el-rei com o fundamento de que sabia tocar flauta e assim podia tomar parte nas festas.

Sua Magestade demorou-se no hospital cerca de uma hora e meia, e ao retirar-se escreveu no livro dos visitantes as seguintes palavras:

«O estado em que encontrei este estabelecimento faz a maior honra ao seu director.—El-Rei D. Luiz.»

Ao mesmo tempo que el-rei visitava o hospital de alienados, a senhora D. Maria Pia, acompanhada do infante D. Affonso e dos condes de Mossamedes, dirigiu-se tambem ao hospital da Misericordia, onde era recebida por alguns membros da mesa da Santa Casa e pelos clinicos os srs. drs. Maya Mendes e Evaristo Saraiva.

A bondosa rainha percorreu primeiro as enfermarias das mulheres, abeirando-se dos leitos das doentes, dirigindo-lhes palavras de consolação e conforto.

Ao visitar a enfermaria dos partos, Sua Magestade desejou saber se n'aquelle dia houvera algum nascimento.

Foi-lhe relatado que poucos momentos antes, uma rapariga de 25 annos, mulher de um operario da Fabrica Social de Chapeus, havia dado á luz uma creança do sexo masculino.

A senhora D. Maria Pia declarou que tomava sob a sua protecção essa creança, e que seriam padrinhos do baptisado tanto ella como o Principe Real, deixando procuração aos srs. governador civil e general da divisão para os representar n'essa ceremonia.

A pobre parturiente, em resultado de uma febre que lhe sobreveiu, morreu dias depois, sendo o filho entregue por ordem do governador civil a uma ama especial do hospicio dos expostos.

Sua Magestade continuou a percorrer as enfermarias das mulheres, entrou na cozinha, onde desejou ver o caldo dos doentes, do qual tomou duas colheres, mostrando-se satisfeita, e em seguida passou ás enfermarias dos homens, para os quaes teve as mesmas palavras de carinho e de compaixão. Entre esses enfermos deparou-se-lhe um italiano chamado Giuseppe Rossi, com o qual Sua Magestade se demorou a conversar na sua lingua natal, exclamando no fim:

«Como é grato ouvir a lingua italiana!»

Na sala onde estão os doentes de febres typhoides, um dos facultativos observou á illustre princeza que não seria conveniente demorar-se alli, ao que Sua Magestade respondeu:

«Mas que tem isso?»

E aproximou-se de um dos enfermos a quem dirigiu varias perguntas sobre o seu estado.

Desejando saber tambem quaes eram as doenças que mais predominavam, e sendo-lhe respondido por um dos medicos que entre essas doenças se contavam as bronchites e as pneumonias, Sua Magestade recordando-se da terrivel enfermidade que a tivéra entre a vida e a morte, exclamou:

«As pneumonias! Que horrivel doença!»

A visita durou perto de duas horas e Sua Magestade ao deixar inscripto o seu nome no livro dos visitantes, dirigiu palavras de louvor ao director do hospital o sr. dr. Joaquim José Ferreira, que havia chegado momentos antes, pelo modo como encontrára aquelle vasto estabelecimento de caridade.

Cerca do meio dia todos os membros da familia real se reuniram na egreja da Lapa, onde depois de orarem junto ao sarcophago que encerra o coração de D. Pedro IV, ouviram uma missa celebrada pelo sr. Cardeal D. Americo.

A esta ceremonia assistiram, além das pessoas da comitiva, ministros e diversas auctoridades, a mesa da irmandade da Lapa e diversas pessoas, entre as quaes grande numero de senhoras.

A senhora D. Maria Pia, acompanhada da princeza D. Amelia e do infante D. Affonso, dirigiu-se em seguida ao «Real Hospital de Creanças Maria Pia», onde foi recebida pela direcção, director clinico conselheiro Arnaldo Braga e duas senhoras da commissão zeladora.

Sua Magestade e Altezas visitaram as enfermarias «Maria Izabel» e «Maria Leopoldina», prodigalisando os mais ternos carinhos ás pobres creancinhas e informando-se com interesse do estado de cada uma d'ellas.

Satisfeitos com o aceio e boa disposição que observaram n'aquelle prestante estabelecimento, a rainha e os principes sahiram depois de terem deixado assignados os seus nomes no livro dos visitantes.

A direcção do hospital foi no dia seguinte entregar diplomas de socios protectores a todos os membros da familia real.

Depois do almoço, emquanto o Principe Real D. Carlos acompanhado do general Malaquias de Lemos se dirigia para Mattozinhos a fim de assistir ao exercicio de brigada que n'esse dia tinha logar, os restantes membros da familia real seguiam para o Campo Vinte e Quatro de Agosto, para inaugurarem a Escola Industrial «Faria Guimarães.»

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Depois de doze annos de ausencia, passados na aldeia, na sua casa de S. Miguel de Seide, longe da capital e do bolicio das cidades, qual outro Alexandre Herculano, a quem chamaram o solitario de Valle de Lobos, visitou Lisboa, Camillo Castello Branco, o grande escriptor, que tem enriquecido a litteratura portugueza com as brilhantes producções do seu excepcional talento.

Toda a imprensa lhe deu as boas vindas em artigos que lhe dedicou, e o Occidente presta tambem a sua homenagem ao eminente romancista, publicando o seu retrato, um retrato moderno, em que se desenham fielmente, nas linhas que lhe sulcam a fronte, os effeitos da doença e dos soffrimentos que tanto affligem aquelle espirito.

A visita de Camillo Castello Branco devia ter sido uma verdadeira festa no nosso pequeno mundo litterario, se não fosse a doença o principal motivo d'essa visita, e se não fosse ainda a doença que o fez retirar de Lisboa tres dias depois da sua chegada.

Entre os artigos de saudação ao glorioso mestre, que se produziram na imprensa, encontramos um firmado por Valentina de Lucena, pseudonimo de uma escriptora tambem gloriosa, que nos descreve, com toda a elegancia do seu estylo, e com todo o sentimento de uma alma de poeta, o infatigavel escriptor, a quem a doença e a edade vae assoberbando cruelmente.

Extractemos, com a devida venia, alguns periodos d'esse artigo, que estamos certos os leitores vão lêr com interesse:

. . . .

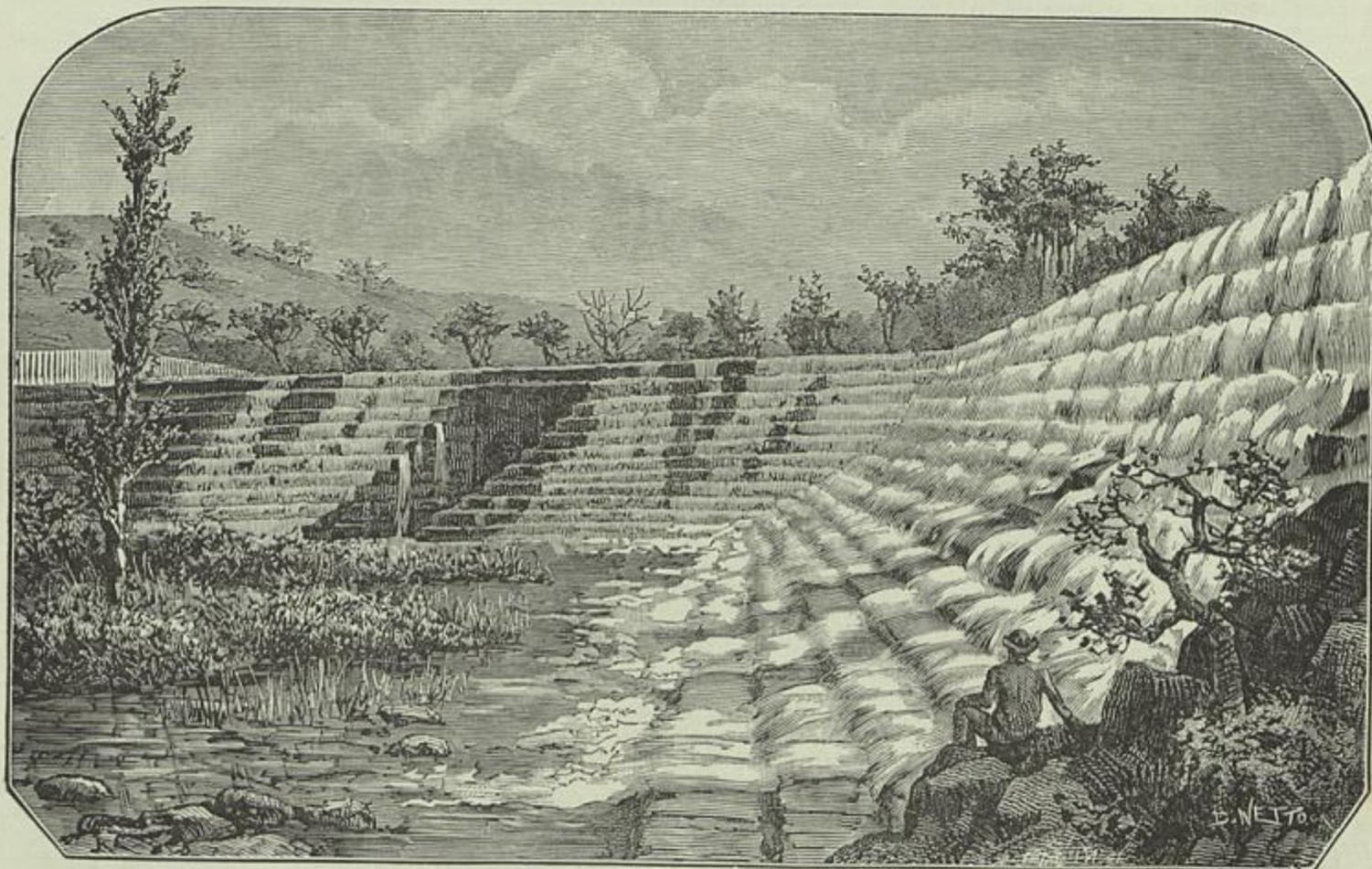
«Vem alquebrado pela doença, que ha longos annos lucta cruelmente com o seu bello organismo, de uma resistencia nervosa tão rara e tão forte!

«Os seus olhos, que tão bem souberam vêr a linha sinuosa e ondeante das coisas, os aspectos pittorescos da paizagem, o contorno plastico de cada objecto em que se fixavam, os seus olhos de artista, namorados da luz, ávidos da côr a

que não faltou aquella *visão violenta* que só é dada aos genios, estão hoje quasi apagados, semi-mortos, nostalgicos de todas as alegrias que perderam!

«A sua fina mão aristocratica, na qual a penna floreada gentilmente foi uma espada, um escalpello, um pincel, um escopro, e muita vez um azorrague juvenalesco, cae pendida e inerte, com a recordação inolvidavel dos bellos dias de combate, dos bellos dias de trabalho, e de colera vingadora, e de riso enorme, que repercutia em fanfarras metallicas nas paginas fulgurantes de tantas obras immortaes!

«A Arte, a sua consoladora e a sua amiga, a companheira ideal da sua longa vida, a que nas horas de dôr, fulminante e desesperadora, teve para a sua alma o balsamo raro d'essa Ironia que é feita de lagrimas e que consola mais do que ellas; a Arte, para que viveu, sem que outra preoccupação qualquer tivesse o poder de captivar-lhe a ambição ou de estimular-lhe a lindrosa e morbida, que toca as raias do soffrimento, e que as impressões exteriores sacodem com extrema violencia; para que o seu riso se enriquecesse com todos os dons mordentes e crus, estridulos como o uivo da agonia, sonoros e vibrantes como o embate de dois crystaes, dilacerantes como o soluço de alma que se despede, gelidos e desdinhosos como a suprema desillusão e derradeiro desengano; para que o *dom das lagrimas* fosse na sua voz tão maravilhoso e tao intensamente vivo; para que emfim o seu genio nos apparecesse tal como é, complicado e forte, composto de tudo que ha de mais impressionador e de mais apaixonado, de mais *sentido* e de mais humano, foi necessario, meu pobre grande artista, que elle se fizesse das suas lagrimas de homem, dos desesperos do seu coração, das doenças do seu espirito, das amarguras da sua vida, do ardor concentrado do seu mysticismo, das mil impressões dolorosas e complexas que á vida tão hostil para si, lhe tem inspirações mais caprichosas e captivantes de uma ironia appaixonada e mordente, da qual o *riso* ressalta em ondas torrentuosas, e as lagrimas se estillam em amarissimos caudaes!

«Se me perguntassem a mim qual o romance que prefiro, de tantos que a littaratura portugueza lhe deve, eu lembrar-me-hia immediatamente d'aquelle delicioso *Amor de perdição*, perola iriada, perola delicada e transparente, que é um achado raro até na vida intellectual de um cerebro como o seu; lembrar-me-hia das encantadoras *Novellas do Minho*, nas quaes o drama mais completo encontrou a fórma mais simples e mais genial, e a paizagem do norte a sua côr mais propria, a sua expressão mais viva, o desenho mais potente; mas responderia logo, sem hesitar: — Não prefiro nenhum dos romances em particular; amo-os a todos, porque são o reflexo da alma portugueza em alguns dos seus aspectos especiaes mais verdadeiros e mais nativos, porque são o repositorio riquissimo de

O AÇUDE DA FABRICA DE FIAÇÃO, DE THOMAR, NO RIO NABÃO

(Desenho do natural por J. R. Christino)

vontade; a Arte já não póde levar ao seu espirito cançado, e que a *nevrose* extenua, senão o soluço abafado de uma saudade inexprimivel!

«Como é triste esta hora da sua vida para si, meu grande amigo, e para os que de perto ou de longe o teem acompanhado com o affecto ou com a admiração, os dois sentimentos mais preciosos e mais doces que ha no intimo da nossa alma e no intimo do nosso coração!...

«Mas se é triste a hora para os que lhe querem muito, e admiram em v. ex.ª o temperamento de artista mais desinteressado, mais completo e mais vibratil que a historia das lettras portuguezas póde apresentar, nem por isso devia ser menos jubiloso, menos enthusiastamente communicativo o acolhimento que Lisboa lhe fizesse...

«V. ex.ª é o singular exemplo do homem de lettras portuguez, inteiramente absorvido pela sua arte, pedindo-lhe sómente a ella as commoções e as amarguras que pódem encher uma existencia inteira.

«Viveu sempre dentro da sua obra, como os architectos medievaes a um tempo artifices e ascetas!

«Para que a sua visão das coisas attingisse o grau de aguda subtileza, quasi doentia, que ella adquiriu tão extraordinariamente; para que a sua sensibilidade tivesse aquella delicadeza, mepremido em longos annos de combate interior e de tempestades silenciosas.

«As boas horas que nós, os que temos lido com palpitante interesse, lhe devemos, foram arrancadas á propria substancia do seu ser, ao sangue quente das suas veias, á vibração ardente dos seus nervos irrequietos.

«Essa doença, que o anniquilla, deve ser-nos sagrada!

«Adquiriu-a por amor de nós!»

Camillo Castello Branco tem hoje 61 annos, nasceu a 16 de março de 1826, e a sua vida tem-n'a consummido nas lettras, a sua obra litteraria é enorme, dominando o romance, uma das feições mais brilhantes do seu talento.

Tem ainda a palavra Valentina de Lucena!

....

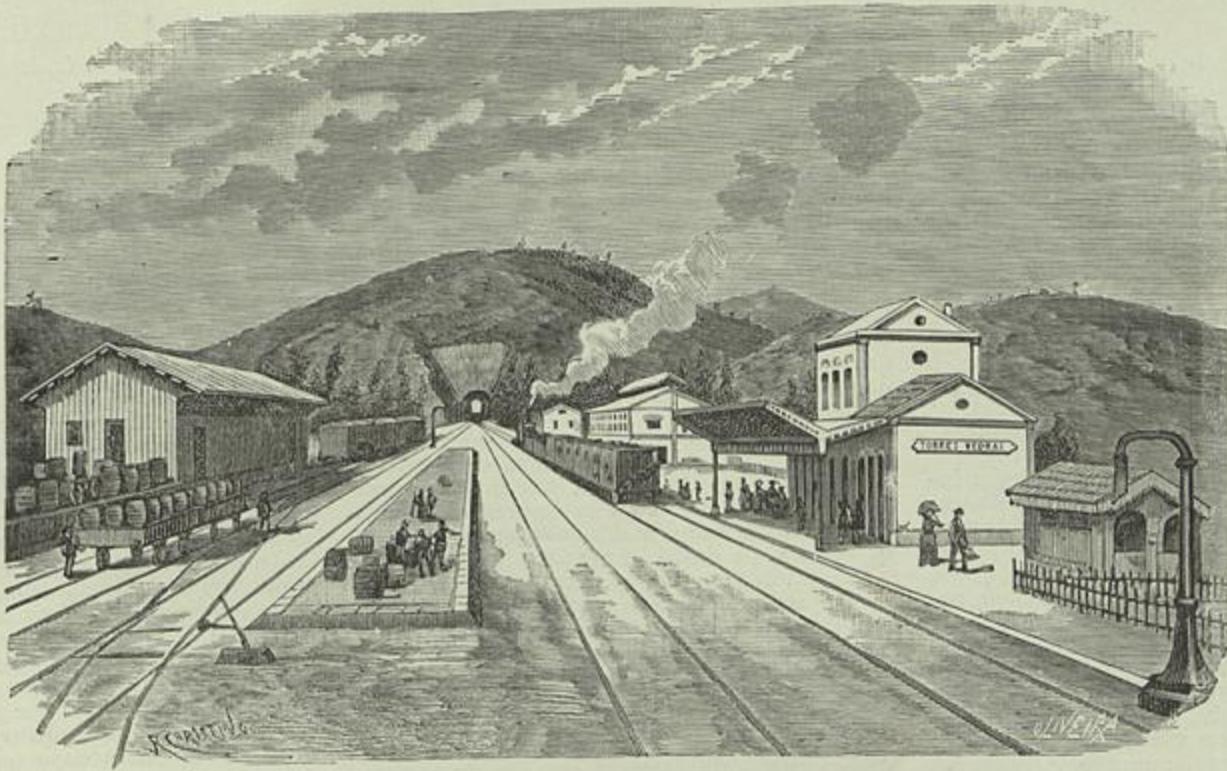
«O Romance que é hoje uma das manifestações mais caracteristicas do pensamento moderno, o molde amplo e portentoso em que couberam á vontade a phantazia, o gigantesco *humor* e a piedade infinita d'um Dickens, a veia sarcastica, tão amarga e cauterisante de Thakeray, a força creadora e potente de Balsac, a alma atormentada de Dotostowskey, o Romance foi para o seu espirito a trama em que elle bordou, com os recamos e doirados preciosos de uma lingua admiravel de graça e de vigor, os relevos mais originaes da lingua portugueza, as uma graça como já não tornamos a ter, de uma graça extranha, unica, de uma originalidade tão poderosa que ninguem ousaria disputal-a ao grande escriptor de raça, com quanto haja n'ella scintillações metalicas do sarcasmo de Swift, a observação fria e impessoal de Henry Beyle, a soluçante risada da lyra em que o *Intermezzo* desfiou as suas contas de crystal!...»

O RIO NABÃO — O AÇUDE

O rio Nabão a que os romanos chamaram *Nabanus* e os arabes chamavam *Tamarmá*, nasce na provincia da Extremadura na serra de Ancião, ou monte Tapego, porém a agua d'esta origem só no inverno engrossa o Nabão, recebendo este a força das suas aguas da Fonte do Agroal, no logar de Pena d'Aguia ou Penha d'Aguia junto á foz da ribeira de Pias.

Na Granja dos Frades, proximo a Thomar, tem uma magnifica ponte de pedra de um só arco, construcção antiga, e nas Ferrarias tem outra ponte, denominada a Ponte da Cidade, proximo á antiga Nabancia. Esta ponte foi feita por Ayres do Quental.

Os confluentes d'este rio são: o Ceyça, Murta, Barqueiro, Louzan e Bezelga; junta-se ao rio

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE TORRES VEDRAS—ESTAÇÃO DE TORRES VEDRAS E TUNNEL DA CERTÃ

(Desenho do natural por J. R. Christino)

CAMINHO DE FERRO DE TORRES VEDRAS—PONTE METALLICA SOBRE O SIZANDRO

(Desenho do natural por J. R. Christino)

Zezere, na margem direita e vem com este desaguar no Tejo junto á villa de Constancia.

O Nabão corre por entre a cidade de Thomar, e é junto d'ella que se acha construido o açude que a nossa gravura, feita sobre um dezenho do natural do nosso collaborador artistico o sr. J. Ribeiro Christino, representa.

Este açude pertence á fabrica de fiação de Thomar, uma das mais importantes d'esta manufactura, no paiz.

É a obra mais grandiosa que d'este genero existe no paiz, e foi feita para aproveitar as aguas d'este rio, como motor para a mesma fabrica.

É esta uma das coisas mais curiosas que ha para vêr em Thomar, e a nossa gravura dá bem a idéa da belleza do espectaculo e da impressão que deve produzir ao viajante, aquellas catadupas d'agua que se despenham em vasto lençol ondulante, alvo de espuma.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

De Torres Vedras ás Caldas da Rainha

Creio bem que, nos fastos da pedincheira lisbonense, nunca houve coisa mais rogada do que a abertura d'esta linha á circulação de passageiros.

Desde que a coscovilhice jornalistica disse que estavam collocados os primeiros rails, a sociedade elegante, a media, a menos abastada, clero, nobreza e povo, conselheiros afogados em adipe e grãs cruzes, meninas lymphaticas, de fartas olheiras côr de uva ferral, negociantes afamados pelos seus annuncios, velhas tropegas que antigamente andariam de cadeirinha, rapazes elegantes que volteiam nas valsas com a agilidade de todos os Justinos Soares; os que teem rheumatismo, os que o não teem, os que nunca o tiveram, nem hão de ter, com muito prazer d'elles, e desgosto do sr. conselheiro Pimentel, todos pediam n'um côro unanime, que lhes fosse permittido irem no comboio directamente ás Caldas! Mesmo que elle fosse devagar, mesmo que tivesse que parar, para se removerem os pedregulhos empregados na balastragem, mesmo que descarrilasse, emfim, comtanto que elles fossem dar ás pernas um banho, ou dar á perna no club.

Era uma romaria continua no Caes dos Soldados, a visitar o director, os administradores, todo o pessoal superior da companhia, e a pedirlhes, com toda a effuzão da sua fé, das suas relações d'amizade e das suas dôres rheumaticas, remedio para os seus padecimentos.

Do alto da sua montanha, Santo Amaro começou a notar a falta de devotos.

Os americanos chegavam vasios; nem uma perna de cera lhe apparecia nos degraus do altar, nem um vintem na bandeja; e o milagroso santo começou de ter serios ciumes do sr. engenheiro Pedro Lopes, pensando que os seus velhos romeiros, em vez de o presentearem, a elle santo, com as proverbiaes perninhas de cera, iam levar ao seu concorrente uma perna... de carneiro, ou de javardo.

O intelligente director da companhia, pela sua parte, não se sentia bem com aquelle novo cargo de Senhora do Sameiro, n'aquella concorrencia de romeiros, e tão apertado se viu, que, emfim, no dia 1 d'agosto, mandou vender bilhetes e despachar bagagens para a villa dos rheumatismados, tal qual como o prior da freguezia manda abrir banca de registos e bentinhos, em dia de romaria.

E esta foi prodigiosa logo nos primeiros dias. Entrevados saltavam contentes para as carruagens, cantando louvores á companhia, e ao sr. ministro das obras publicas que auctorisára a abertura da linha.

Foi então que se começou a ver que a linha de Torres ás Caldas é muito boa, não só para as affecções gottosas, como para o desenvolvimento do commercio das localidades que atravessa, e põe em relações directas com a capital.

Esta linha começa, como se sabe, a poucos metros de distancia da estação de Torres Vedras, sendo, portanto, esta a sua estação terminus, ao mesmo tempo que exerce egual cargo na de Lisboa a Torres.

A estação, da qual publicamos a gravura a paginas 245, é egual á de Cintra, com excepção do chalet que esta tem para restaurante, e tanta falta faz na de Torres, tendo a mais uma rotunda para machinas.

Por detraz da estação desce a estrada que, n'uma pequena extensão, nos conduz á villa, muito populosa, rasoavelmente suja, e insipida como poucas.

Que nos desculpem os seus habitantes, mas se lhes dizemos assim tão francamente que a villa de Torres Vedras não merece a visita de quem queira passar um dia agradavelmente, a culpa não é nossa mas d'elles.

A localidade seria excellente se houvesse ali commodidades, aceio; uma alameda com bancos, onde os visitantes descançassem, umas ruas com gente que as animasse.

Nada d'isto ha, tendo aliaz Torres Vedras uma população em geral abastada, graças á fertilidade do solo d'aquella zona.

Os habitantes entregam-se quasi todos ao commercio de vinhos, e só do seu negocio cuidam.

Vivem nas adegas, no transfego dos liquidos, nas vinhas, nos lagares, emquanto é dia, e á noite desapparecem entre os lençóes, para só reapparecerem no dia seguinte, de fugida para os lagares, para as vinhas ou para as adegas.

O visitante apenas tem que ver o castello, de onde se gosa um vasto panorama, e o convento de Varatojo, onde se acoitam os jesuitas, rodeados de um grande numero de pequenas casinhas de gente que vive ao doce calor d'aquellas santas almas.

A respeito de hoteis, o Natividade é rasoavel, moderno, aceiado. O mais antigo, o do sr. Pimenta, tambem não é mau, mas é preciso que o hospede não falle com os donos da casa que são, afinal de tudo, muito boas pessoas. O que querem? Cada qual é como Deus o fez.

Deixemos, pois, Torres, sem saudades, e sigamos a linha ferrea, na qual temos que passar primeiramente uma ponte de 29 metros sobre o Sizandro e depois outra de 20 sobre o Arcabricella para chegar á 1.ª estação, a do Ramalhal, que serve as povoações de Abrunheira, Monte Redondo, Machial e Ramalhal.

A esta segue a de Outeiro, collocada em meio de um campo de charneca, que já a approximação do caminho de ferro vae transformando em cultivado, e depois de se atravessar o Rio Real, sobre uma pequena ponte de 6 metros, entra-se na estação do Bombarral, localidade muito importante d'aquella zona, pelo seu commercio de vinhos, cereaes e outros productos.

Depois é o rio Real de novo atravessado, por uma ponte de 20 metros, e o seu affluente, o Carvalhal, por uma de 10 metros.

A paisagem vae-se tornando risonha, pittoresca.

A estação de S. Mamede é um dos pontos de mais bonita vista, pelos largos horisontes que d'ella se disfrutam.

A esta segue a de Obidos, desde a qual se avista o castello, e pouco depois de a sahir, vê-se o aqueducto que abastece a villa, em quanto passamos sobre uma ponte de 25 metros sobre o rio Arnoia.

Cinco kilometros depois, entra-se na estação das Caldas da Rainha, reproduzida hoje por nós em gravura.

Como n'esta se vê, o edificio de passageiros é a direita da linha, e consta de dois andares. A area que occupa é de 32,70 de comprimento, por 9 de fundo.

É estação de 1.ª classe.

Ao lado ha um caes coberto, outro descoberto, e ainda local proprio para um terceiro, cocheira para carruagens, rotunda para locomotivas, e outras dependencias necessarias n'uma estação d'esta ordem.

O caminho das Caldas á Foz teve que ser desviado para fóra das agulhas, para se construir o edificio de passageiros.

É por este caminho, e percorrendo apenas uns 600 metros, que se vae ás Caldas da Rainha, deixando a linha ferrea á esquerda.

O leitor naturalmente deseja ficar na villa, vendo o hospital, a obra da rainha D. Leonor, passeiando no passeio da Copa, bebendo agua de qualquer das nove muzas, queremos dizer, das nove fontes a que estas dão os nomes, admirando os azulejos e as esculpturas da velha egreja do Populo, e não resistirá a visitar a fabrica de faianças de Bordallo Pinheiro onde tem que admirar, sobretudo, quanto pode alevar-se a industria manufactureira portugueza, sempre que, ao esforço da sua vontade, se aliar a direcção intelligente e artistica, como a que o nosso collega tem dado áquelle estabelecimento.

Mas não veja só esta.

Procure tambem as demais fabricas de louça que faziam já a fama d'aquella villa lá fóra, e que tem productos muito para ver.

O aperfeiçoamento d'esta industria é moderno, mas a creação d'ella alli é muito antiga, e se o seu desenvolvimento não attingiu as necessarias proporções, devemos concordar tambem que a vida lhe correu sempre desprotegida de auxilios officiaes, apenas sustentada pelo esforço dos seus fundadores e exploradores.

A fabrica de ceramica do sr. Gomes Mafra, por exemplo, fundada em 1860, é uma das mais aperfeiçoadas, e se não tem as bellezas artisticas da sua irmã mais nova, tem, comtudo, muitos productos que ver e muita importancia a apreciar.

Fiquemos, pois, aqui, que vale bem a pena passar nas Caldas uns dias.

L. de Mendonça e Costa.

UMA VISITA Á BATALHA

III

E não ha nada mais formosa, do que a entrada d'esse sumptuosissimo mosteiro. A architectura encontra-se ahi no apogeo da sua gloria, no vigor de toda a sua mocidade, adoptada a imagem felicissima do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, ao comparar a architectura nacional com a vida humana. Com effeito, para nós, os profanos, a imagem do erudito investigador e escriptor brilhantissimo, retrata-se-nos constantemente á vista, ao percorrermos os monumentos historicos do nosso paiz, que todos teem a sua idade e todos teem o seu valor.

Mas antes de mais nada, entremos no pantheon do mestre de Aviz, a conhecida capella sepulchral de D. João I, de que o Occidente deu no seu ultimo numero uma gravura representando o tumulo onde repousam ha mais de quatro seculos os restos d'esse guerreiro audacioso, d'esse victorioso soldado, que tem na historia patria um dos perfis mais sympathicos, mais gloriosos, entre todos os outros soberanos da segunda dynastia.

A gravura que eu devo acompanhar com uma pequenina descripção historica, apresenta ao centro da capella o mausuleo de D. João e de sua mulher D. Filippa de Lencastre. Na tampa de cada um, deitadas, as estatuas d'elles, que cruzam as mãos direitas. A mão esquerda do fundador da Batalha segura o copo da espada, e a da rainha um livro. Cinge-lhes a cabeça o diadema real.

Não são um primor essas duas esculpturas que encimam o tumulo. Em verdade bullem um pouco com a magnificencia do resto, mas restanos a consolação de que são melhores do que muitas outras. É necessario não ser exigente para a arte do seculo XIV e desculparmos-lhe a decadencia das suas variadas manifestações, pelo que ella nos deu de tão surprehendente e de tão bello na architectura.

O frizo superior do tumulo, descreve-o minuciosamente o mesmo illustre escriptor a que nos referimos: «é guarnecido com um silvado em meio relevo alternando-se as folhas com as amoras. Entre a folhagem vê-se a letra franceza *Il me plait* muitas vezes repetida em metade da circumferencia do monumento; e na outra metade a letra *pour bien*, do mesmo modo entresachada com as folhas e fructos, e muito repetida.»

Não são sem significação essas duas phrases. Muitos historiadores as citam, e o proprio sr. Vilhena Barbosa no seu bello livro *Monumentos de Portugal* lá explica que era o mote que elrei adoptára, para mostrar o quanto presava o bem geral.

Uma das faces do mausuleo, a que olha para o portico do pantheon, portico que só tem rival no que dá entrada ás capellas imperfeitas, e mandado fazer por D. Manuel, está toda arruinada. O vandalismo da soldadesca desenfreada, nos aureos tempos das nossas antigas guerras, fartou-se de destruir ali, principalmente durante a invasão franceza. Comtudo, se accentuarmos bem nos vestigios d'esses ornamentos, recordando uma a uma a velha discripção do mausoleo, não será talvez difficil descobrir os primitivos dizeres. Mas, outra ambição tem o visitante que como nós procura apenas a impressão pessoal. Espalhando o olhar por toda a capella do fundador, sentimo-nos verdadeiramente impressionados pela magnificencia interior, que Frei Luiz de Souza pinta com as mais brilhantissimas côres, n'esse estylo classico, modelo de linguagem portugueza, que tanto nos encanta. E ao lel-o, não se póde realmente fugir á tentação de o transcrever, mais que não seja senão este periodo primeiro:

É uma grande sala quadrada de noventa palmos, escreve Frei Luiz de Souza, fabricada da mesma sorte de cantaria da egreja, e coberta de abobada, com um zimborio que artificiosamente

nasce do meio d'ella sobre oito pilares, como a effeito de metter mais luz dentro, mas na verdade para lustre e magestade da capella e juntamente estribo da aboboda; porque sobe em grande altura, em fórma oitavada e trinta e oito palmos de diametro, seguindo a situação das columnas, e fazendo duas faces do mesmo lavor e feitio, uma para dentro e outra para fóra; e vae vasado todo em roda até á mais alta parte d'esta em frestas mui rasgadas e grandes e tão largas, como é cada parte do oitavado e todas são cerradas com suas vidraças, como as da egreja e capella, e n'ellas se vêem debuxadas as armas do reino e divisas do rei que as mandou fazer.

Por este periodo teem os leitores do OCCIDENTE idéa da imponencia do pantheon onde repousam D. João, sua mulher e todos os filhos, á excepção do primogenito, o principe D. Affonso, que morreu muito novo e está sepultado na sé de Braga, porque na parede fronteira á porta abrem-se quatro arcos onde estão mettidos quatro mausoleos (1): os dos infantes D. Pedro e o de sua mulher D. Izabel d'Aragão; de D. Henrique e D. João e o da infanta D. Izabel sua mulher, e por ultimo o do infante D. Fernando, que succedeu a seu pae como mestre de Aviz, e que tem na historia o cognome de *infante santo*, paga do martyrio soffrido em duro captiveiro.

São extensissimos os epitaphios dos dois tumulos reaes, extensos e curiosos. E na capella que encerra o tumulo que a gravura do ultimo numero representa, guardaram-se por muito tempo, um elmo, espada e outras peças da armadura do rei, como um oratorio de madeira, que segundo diz o sr. Vilhena Barbosa, era uma obra de talha doirada, que o rei levára na sua recamara, ao encontrar-se com os castelhanos na gloriosa batalha de Aljubarrota.

Contrastando com a parte exterior d'esta capella, eleva-se entre as chamadas capellas imperfeitas, o pantheon que o rei D. Manuel começára a construir para rivalisar com o do fundador.

É aqui que nos demoraremos um pouco no artigo seguinte, para mostrar aos leitores como se apreciam entre nós as artes e como no nosso paiz se commettem impunemente as maiores heresias.

João Costa.

(1) Vid. pag. 124 e 125 d'este vol.

O INFANTE D. HENRIQUE

(O GRANDE NAVEGADOR)

II

Para o custeio do colossal intento contava D. Henrique de Portugal com as consideraveis rendas da Ordem de Christo. Arrojada empreza que enriqueceu todas as côrtes europeas, dando immarcessivel gloria ao Nome Portuguez e gravando no bronze dos tempos a bandeira heroica do principe dos navegadores!

Hoje é facto assente que só depois da investida de Ceuta é que o infante D. Henrique começou a alimentar a ideia de encontrar a róta para a India.

A situação de Portugal na costa do sul não podia ser melhor escôlha para base de operações. O infante quiz provar que o cabo *Não* deixara de ser o *terminus* das viagens de longo curso. Por meio dos naturaes que faziam o commercio dos preciosos artigos da Negricia, foi que D. Henrique conseguio as primeiras informações sobre o caminho para a India, e foi por meio d'ellas que mais se lhe radicou a ideia do seu proposito. E era menos difficil alcançal-as dos arabes, visto estes darem-nas voluntariamente aos homens de reconhecida sciencia para os animar de futuro a mais largos emprehendimentos de publica utilidade, do que dos europeus que ali mercadejavam. Estes, faziam d'isso grande mysterio com receio da concorrencia.

O infante D. Henrique de Portugal com a sua coragem de soldado, o seu talento emprehendedor, genio cavalleiresco e vontade de ferro, deu o primeiro passo para a mira commum do seculo XV com o attaque audacioso sobre a cidade maritima dos mahometanos.

As crusadas, as continuas guerras dos aguerridos habitantes de Portugal e Hespanha contra os mouros, e as operações commerciaes com que elles encheram de ouro o sul d'estas nações, foram decerto o principal motor que incitou os portuguezes aos descobrimentos maritimos.

As constante hostilidades entre mouros e christãos tornavam difficil a riqueza; e era cheia de perigos a acquisição de certos regallos, que, embora superfluos ao vulgo, se haviam tornado indispensaveis ao rico e ao principe.

A grande riqueza dos mouros era oriunda, no dizer dos do tempo, de um paiz muito rico *lá muito para o Oriente:* era portanto necessario ir vel-a lá, n'esse paiz que ficava no extremo oriente.

E, como os mouros recebiam da India as suas mais preciosas tapeçarias, é claro que depois da expulsão d'estes do sul da Europa. (Algarve e Andaluzia) se tornou indispensavel um caminho para a India que substituisse com vantagem o perigoso e demorado trafico com as caravanas do *Deserto.*

Podemos pois affirmar que o infante D. Henrique de Portugal, filho do grande eleito do Povo D. João I, consubstancía em si, na sua enorme figura, a grandiosa ideia de chegar á India pelo *extremo sul* da Africa,—e n'este pensamento do infante ia tambem com elle toda a força, valimento, importancia e caracter do seculo XV. É isto o que explica o motivo da pertinacia e dedicação com que o maior navegador d'aquelles tempos explorou, e com tanto affinco, a costa africana do occidente.

Que eramos um povo que não cedia em valor a nenhum outro, por isso que no momento em que tantas nações desanimaram, os portuguezes, não se dobrando a perigos nem a outros obstaculos, antes porfiavam sempre no mesmo intuito, é facto provado. Não é menos verdade porém que homens d'aquelle tempo haviam a empresa do infante como impossivel de realisar.

A propria Inglaterra, que sempre primou em desmerecer os esforços de toda a potencia colonial e, especialmente, em derruir as nossas glorias maritimas, faz justiça ao vencedor de Ceuta, como se vê no livro *Life of Prince of Portugal* do notavel historiador britannico Richard Major, em que se diz: «A fé n'essa persistencia partio do infante D. Henrique... As explorações iniciadas pelo infante D. Henrique de Portugal foram, na verdade, a bigorna onde se forjou essa cadeia, e apesar d'isso quantos ha em Inglaterra, paiz de marinheiros, que mal conhecem o nome do homem illustre que foi o *verdadeiro iniciador* das successivas explorações do Atlantico?!»

D'onde vemos que a Inglaterra, pela penna de Richard Major, proclama o infante de Portugal o verdadeiro iniciador dos grandes feitos e conquistas.

(Continúa).

Manuel Barradas.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

(Conclusão)

XV

Quando, passados mezes, já nas entradas do anno novo, Torquato regressou de Santarem á casa do Cardal, Izabel, que d'alli sahira triste, mais triste voltava aos logares, onde se tinham passado para ella os dias mais felizes da sua florida e descuidosa infancia. De Fernando não houvera mais noticias directas, mas por cartas d'outras pessoas sabia-se que, sempre atacado de febres e sempre desregrado no seu viver, não pensava em voltar tão cedo a Portugal. Para elle os seus amores com Izabel eram um negocio findo.

Uma funda melancolia se apossou então do espirito da infeliz raparigа, quando pelo longo e pertinaz silencio de Fernando ella se convenceu de que elle a abandonara, porém ainda n'essa occasião crusavam-se-lhe no espirito os mais encontrados pensamentos, e ás vezes, desvairada pela paixão, chegava a persuadir-se de que mão occulta e inimiga lhe interceptava as cartas. Um dia pediu-me para eu ser o portador da ultima, e para eu pela minha mão a deitar no correio, em Lisboa. Fiz-lhe d'esta vez a vontade, certo de que o resultado seria o mesmo. Effectivamente não veiu resposta alguma pelo paquete seguinte, nem pelo immediato.

—Acabou-se tudo—disse-me ella—e eu tambem acabei. Triste de mim! e desatou a chorar.

XVI

Entrou então n'aquelle eden rustico,—no Casal da Alegria,—como eu lhe chamava nos primeiros tempos que o frequentei, quando Izabel corria e saltava, chilreante como as avesinhas que na primavera revoluteiam e se espanejam livres nos campos sob os raios creadores do sol,—entrou então ali uma sombria e pesada tristeza. Avô e neta, ferira-os o mesmo golpe; e tal é o coração humano que, se antes era o amor de Fernando que contrariava o affectuoso ancião, agora era a sua indifferença, o seu desprezo, o que mais o offendia! Ás vezes uma historia, uma anecdota, que eu lhes contava, fazia-lhes reapparecer o sorriso, mas aquillo era, como se costuma dizer, sol de pouca dura. O pensamento fixo voltava, como um abutre famelico, a empolgar a presa, e a cevar-se nas suas carnes palpitantes, e até eu sentia como o reflexo da dôr intima que os atormentava. O velho ficava-se tempos esquecidos immovel a olhar para a neta, quando ella ainda lhe lia á noite alguma narrativa, que elles já não apreciavam como antigamente, e que ás vezes era a historia d'algum caso similhante, que mais lhe avivava o soffrimento. Paravam então de lêr, e n'uma d'essas occasiões, Torquato, voltando-se para mim, disse-me:

—Tenho pena de estar já velho. Se não fosse isso, offerecia-me para acompanhar um d'esses senhores, que vam á Africa, e, se me desse bem, deixava-me por lá ficar.

Izabel ouviu aquellas palavras, mas bem entendeu o que ellas queriam dizer, e ficou-se triste e silenciosa.

XVII

Ha em todas as linguas dos povos civilisados duas palavras incumbidas de representar a idéa do corpo e a do espirito, mas o que eu ainda não encontrei em lingua nenhuma, é a explicação cabal das relações e effeitos reciprocos d'essas duas entidades. Que entre o corpo e o espirito ha a acção e a reacção, não soffre duvida, mas como se effectua?... *That is the question.* Só se o espirito é uma invenção humana, e n'esse caso...

Mas o que é certo é que atraz da melancolia, veiu a tristeza pronunciada, dolorosa, aguda, se assim se pode chamar a esse estado da alma, em que ella parece sentir, como o corpo, o remorder e o pungir d'uma chaga viva, que a dilacera e consome; e apoz a tristeza, veiu a doença, a tisica, o mesmo mal que ferira e prostrara a mãe de Izabel.

Torquato já receiava esse desfecho, e disse-m'o.

Os ares de Santarem, para onde voltaram, e umas visitas a Lisboa, em busca d'uma distracção, não foram mais do que as estações d'essa via dolorosa, que ella tinha de transitar, e cujo termo elle já entrevia nas cruzes do cemiterio.

—Segue o caminho da mãe, e eu cá ficarei, não sei para quê—dizia elle.

E seguiu. Quando o sopro do outomno esfolhou as arvores do valle, que ficaram bracejando para o ceu os ramos esguios e negros, como a pedir-lhe protecção para os sombrios e inclementes dias do inverno, a flor agreste sentiu tambem fugir-lhe a seiva, inclinou-se para a terra, e deitou-se descórada e inerte aos pés do velho e adusto roble, a cuja sombra vivera.

E elle, o velho roble, resistiu aos embates da tormenta, e ficou.

XVIII

Um bilhete tarjado disse-me com a sua funebre eloquencia o final do drama. Torquato pedia-me que apparecesse. Fui.

O aspecto sereno d'esse homem, que acabava de passar, não digo bem, que estava passando por aquelle lance angustiosissimo, não revelava, nem deixava suspeitar sequer o que lhe ia lá dentro. Os annos e os desgostos dão aos velhos essa expressão de impassibilidade: ha muito que estão contemplando a vida e encarando a morte.

O avô de Izabel veiu ao meu encontro com um sorriso triste, com que parecia agradecer-me a visita, e com a mesma tranquilla expressão contou-me como ella tinha passado os ultimos dias, resignada, e esperando a morte com uma serenidade angelica.

Eu olhava em redor de mim e admirava aquella coragem estoica. O unico ente que até ali parecia prendel-o á vida, desapparecera para sempre dos seus olhos, e, para lhe avivar ainda mais a dôr d'essa perda, tudo ali estava como d'antes—a cadeirinha de palha em que ella se sentava a costurar ou a lêr, a gravura ingleza com uns cães de que ella gostava tanto, a estantesinha, uma *étagère* preta, que eu lhe dera para os seus livros, o quadro de Nossa Senhora, o crucifixo, a sua arqueta, um movel antigo, que era o luxo da casa, e os tamanquinhos aos pés do seu leito, agora deserto... Tudo ali estava como antes, menos ella...

Tudo isto me dizia que vida triste, d'uma de-

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE TORRES VEDRAS—ESTAÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA

(Desenho do natural por J. R. Christino)

sesperação inconsolavel, que martyrio lento e horrivel, ia ser o d'aquelle homem, coração agora fechado para novos affectos, e vivendo ali só com a saudade, no isolamento da sua dor!...

Elle dirigiu-se a passos lentos para a janella, d'onde se via lá ao fundo, em baixo, n'uma quebrada do terreno, colear o caminho que levava ao cemiterio; e ali esteve encostado aos vidros ainda embaciados pelo rorejar da manhã: depois voltou-se para dentro, encaminhou-se para o quarto de Izabel, fez o gesto de quem sente faltar-lhe o ar, e levou a mão ao pescoço como se lh'o estivessem apertando, e dando uma volta cahiu de bruços em cima do leito. Corri a elle. Sentindo-me junto de si, ergueu-se com os olhos cobertos de lagrimas, e os seus braços enlaçaram-me e apertaram-me como os d'um naufrago, que nas ancias da morte afferra a fragil taboa, que as suas mãos encontraram no revolutear das ondas.

—Deixe-me chorar. Foi-se-me tudo!... Para que sirvo agora eu cá? Para os amigos. Mas olhe que é duro ficar aqui só entre estas paredes: ver tudo, e não a ver a ella!

E um novo froxo de chôro cortou as palavras do pobre velho.

....

Quando sahi do Cardal o sol baixava. O tempo estava, como dizem no campo, amoroso. A um lado e outro do caminho estendia-se a perder de vista a planicie, onde aqui e ali verdejavam algumas raras leivas cobertas de herva. Nem viv'alma se enxergava: apenas no alto d'um caniço um passarinho solitario a cantar. De quando em quando uma leve aragem acamava as hervas, e levava para outro lado a cantiga da avesita, que deixava de se ouvir; depois o vento cahia, as hervas levantavam-se, as florinhas rasteiras descobriam-se, e a voz voltava a ouvir-se distinctamente ali, á beira da estrada, aguda, saltitante, alegre e descuidosa. Eu seguia,—e parecia-me agora sem fim esse caminho tão meu conhecido, e revoltava-me essa impassivel e esmagadora serenidade da natureza, que tem o mesmo scenario para os idyllios e para as tragedias!

Oitubro — 19 — 87.

Zacharias d'Aça.

RESENHA NOTICIOSA

Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro. Foi no dia 14 do mez de setembro a inauguração do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro, cuja construcção fôra inaugurada por occasião do tri-centenario de Camões, assumpto de que o Occidente se occupou no seu volume de 1880 e ainda no volume de 1881, em que publicou a paginas 57 uma gravura do projecto architectonico do novo edificio. A festa agora realisada foi a todos os respeitos digna da grande instituição que a motivou. Suas Altezas a Princeza Imperial e seu esposo o Conde de Eu honraram a sessão com a sua presença, assim como os ministros do imperio, e ministro de Portugal conselheiro Nogueira Soares, corpo diplomatico, membros do senado e deputados, camaristas, funccionarios publicos, corpo de commercio, imprensa, artistas e mais convidados, onde avultava grande numero de senhoras com suas *toilettes* deslumbrantes. A sessão solemne principiou cerca do meio dia, logo que chegaram Suas Altezas, as quaes foram recebidas á entrada do edificio pelos directores do Gabinete e deram entrada na grande sala da bibliotheca ao som do hymno nacional tocado por uma orchestra, dirigida pelo insigne artista Arthur Napoleão. No topo d'esta sala estava armado um docel, sob o qual tomaram assento a Princeza Imperial e seu esposo. Em frente do throno estava a mesa da direcção e n'ella tomaram logar os directores, o ministro de Portugal, o ministro do imperio e o da agricultura, consul de Portugal e conde de S. Salvador de Mattosinhos. A orchestra executou, então, a symphonia do *Guarany* e em seguida tomou a palavra o sr. commendador Ramalho Ortigão, presidente, e leu um eloquente discurso, que terminou fazendo votos pelas melhoras de S. M. o Imperador. Agradeceu o sr. ministro do imperio, levantando vivas a El-Rei D. Luiz e a Portugal. O sr. Ferreira Ramos, 1.º secretario, participou á assembléa que por motivo de serviço publico não podiam comparecer o sr. presidente do conselho e ministro da justiça, e leu um officio do sr. ministro portuguez, communicando que El-Rei de Portugal se associava á justa satisfação dos portuguezes residentes no Rio de Janeiro, pela inauguração do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, dignando-se galardoar os benemeritos portuguezes que contribuiram para aquella importante obra, na pessoa do seu presidente, conferindo-lhe a gran-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição. Prolongada salva de palmas acolheu esta communicação da mesa e a orchestra tocou o *allegre a la Palace*, de Arthur Napoleão. Tomou depois a palavra o notavel escriptor sr. Ramalho Ortigão, que leu um brilhante discurso, terminando com grandes applausos da assembléa. Discursaram ainda mais alguns cavalheiros, e o sr. presidente encerrou a sessão eram 2 horas da tarde. Assim se assignalou um dos dias mais gloriosos para a historia da colonia portugueza no Rio de Janeiro.

Uma aguarella de El-Rei D. Luiz. Quando El-Rei D. Luiz visitou, o anno passado a exposição de arte do circulo dos artistas berlinezes, de Berlim, ficou summamente agradado d'esta exposição, o que communicou ao professor Becker que o acompanhava, dizendo-lhe que tambem se dedicava um pouco ás bellas-artes e que enviaria áquelle circulo uma lembrança feita por suas mãos. Ha pouco Sua Magestade cumpriu a promessa feita, e enviou ao professor Becker, por entermedio do ministro portuguez em Berlim, uma aguarella representando um leque com uma cercadura de flores, superiormente pintada, e que é tanto uma lembrança de alto apreço do monarcha como uma obra d'arte distincta. O circulo dos artistas de Berlim vae expor ao publico a preciosa offerta real.

PUBLICAÇÕES

Recebemos a agradecemos.

Os Dramas d'Africa, por Leite Bastos, revisto, desenvolvido e completado por Gervasio Lobato e Jayme Victor, com illustrações de Manuel de Macedo. David Corazzi, editor, Lisboa. O desafortunado escriptor Leite Bastos, imaginação prodigiosa, que se atrophiou no acanhado meio do nosso mercado litterario, deixou inedito e nas mãos do editor sr. David Corazzi, um romance, talvez o mais imaginoso e imprevisto de quantos escreveu, e a que dera o titulo de *Dramas d'Africa*, pela sua acção se desenvolver, principalmente, n'aquelle novo mundo, que hoje attrahe todas as attenções. A obra, porém, não estava completa; Leite Bastos não podera, em vida, dar-lhe o acabamento necessario, e por isso, agora, o sr. Corazzi confiou a conclusão do trabalho de Leite Bastos aos conhecidos escriptores srs. Gervasio Lobato e Jayme Victor, que com tanto applauso acabam de dar ao publico o bello romance *Os Invisiveis de Lisboa*. Acham-se publicadas as primeiras folhas e as primeiras estampas dos *Dramas d'Africa*, que são um bello annuncio da obra pelo interesse que já desperta a sua leitura.

Typ. Castro Irmão—Rua da Cruz de Pau 31—Lisboa